

MARIADITA
JAGUARIÚNA

REGULARIZAÇÃO DE IMÓVEIS
URBANOS E RURAIS

- HABITE-SE (19) 99215-4852
- INSTITUIÇÃO DE CONDOMÍNIO (19) 99184-6967
- CAR - CCIR - INCRA

Dr. Caius Godoy (Dr. da Roça) agora aqui todas as semanas



Aos que ainda não me conhecem, meu nome é Caius Godoy, advogado e administrador de empresas com atuação exclusiva no agronegócio. De uma família de produtores rurais do interior de São Paulo, a querida Duartina, tento através do meu trabalho levar informações para dentro da porteira, sendo elas envolvendo o Direito, ou não. Hoje tenho escritório nas cidades de Campinas e Jaguariúna e com muito orgulho sou conhecido e chamado carinhosamente pelos meus amigos e clientes, como o Dr. da Roça. Espero que gostem da minha coluna semanalmente falando sobre o mundo agro e agradeço pela oportunidade do Grupo O Regional de comunicação.

E como sempre finalizo, tchaaau obrigado!!

O QUE É UNIÃO ESTÁVEL?

A união estável é uma das formas de constituição de família reconhecidas pelo ordenamento jurídico brasileiro, ao lado do casamento e das entidades familiares previstas na Constituição Federal. Trata-se de uma relação afetiva contínua, pública, duradoura e estabelecida com o objetivo de constituir família. Sua essência está menos no formalismo e mais na realidade concreta vivida pelo casal.

Diferentemente do casamento, que exige cerimônia civil, habilitação prévia e registro, a união estável nasce do fato: do modo como duas pessoas organizam a própria vida em comum. O Código Civil e a jurisprudência reforçam que o elemento central não é o tempo específico de convivência, mas a intenção de construir um núcleo familiar. Assim, casais que vivem juntos há pouco tempo podem ser reconhecidos como companheiros, desde que haja evidências dessa comunhão de vida.

Os tribunais brasileiros analisam diversos elementos para identificar a existência de união estável, como: coabitação (embora não seja requisito obrigatório), compartilhamento de despesas, aquisição conjunta de bens, demonstração pública da relação, dependência financeira, inclusão em planos de saúde, apresentação social como casal e existência de filhos. Nenhum desses fatores, isoladamente, determina a união estável, mas o conjunto pode comprovar a formação de um vínculo familiar.

No âmbito patrimonial, a união estável segue, como regra, o regime da comunhão parcial de bens, salvo estipulação em contrário mediante contrato escrito. Caso os companheiros queiram adotar outro regime, separação total, comunhão universal ou participação final nos aquestos, devem

formalizar isso por meio de escritura pública ou contrato particular devidamente reconhecido. Essa previsão garante segurança jurídica, especialmente em situações envolvendo patrimônio, sucessão e eventual dissolução da união.

Quando aos direitos sucessórios, após decisões relevantes do Supremo Tribunal Federal (como no julgamento dos RE 878.694 e 646.721), firmou-se o entendimento de que os companheiros possuem os mesmos direitos sucessórios dos cônjuges. Ou seja: a união estável foi equiparada ao casamento também no campo patrimonial post mortem, assegurando ao sobrevivente direito à herança nos mesmos moldes previstos ao cônjuge.

A formalização da união estável, apesar de não ser obrigatória, é altamente recomendável. A escritura pública declaratória facilita o acesso a direitos, simplifica procedimentos administrativos e evita conflitos futuros, inclusive entre herdeiros. Ademais, o contrato de convivência permite que o casal defina regras patrimoniais personalizadas, prevenindo litígios em caso de término da relação.

Em síntese, a união estável é uma entidade familiar plena, protegida pela Constituição e pelo Código Civil, conferindo aos companheiros direitos e deveres semelhantes aos do casamento. Trata-se de uma forma legítima e segura de constituir família, que valoriza o afeto, a convivência e a intenção de vida em comum, dispensando rituais formais, mas exigindo cuidado jurídico para garantir a proteção integral de ambos os parceiros. Dr. Caius Godoy, Advogado e Presidente da Comissão de Cultura, Mídia e Entretenimento da OAB Jaguariúna, e-mail: caius.godoy@adv.oabsp.org.br

Farinhas de amoreira e ora-pro-nóbis reforçam nutrição, imunidade e sustentabilidade na piscicultura brasileira



Pesquisas da Embrapa, Unicamp e UFPR Jandaia do Sul apontam que ingredientes vegetais podem substituir proteína animal em rações, reduzir o uso de antibióticos e manter baixo impacto ambiental

Farinhas de amoreira e ora-pro-nóbis apresentam alta digestibilidade e bom perfil de aminoácidos

Dietas vegetais melhoram a imunidade e reduzem a mortalidade de pacus e tilápias frente à *Aeromonas hydrophila*

Ingredientes demonstram baixa toxicidade ambiental

Plantas ricas em compostos bioativos contribuem para resistência a doenças e bem-estar animal

Alternativas vegetais podem reduzir custos, ser incluída em dietas e substituir parcialmente a farinha de peixe, favorecendo pequenos produtores e a sustentabilidade da cadeia aquícola.

Pesquisas conduzidas pela Embrapa Meio Ambiente, Universidade Estadual de Campinas – Unicamp e Universidade Federal do Paraná Campus Avançado de Jandaia do Sul - UFPR, demonstraram que as farinhas de folhas de amoreira e ora-pro-nóbis têm potencial nutricional e podem ser incluídas em dietas e substituir parte das fontes proteicas de origem animal em peixes como pacu e a tilápia-do-Nilo. Os estudos indicam boa digestibilidade, fortalecimento do sistema imunológico e baixo impacto ambiental, reforçando o papel desses ingredientes na aquicultura sustentável.

Patrícia da Silva Dias, em sua tese de doutorado, apresentou ao Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal da Unicamp, os testes com pacus conduzidos no Laboratório de Tecnologia em Aquicultura (LATAq) da UFPR, utilizando dietas com até 24% de farinha de amoreira e 32% de ora-pro-nóbis.

“A farinha de ora-pro-nóbis apresentou maior digestibilidade de proteína (64,9%), enquanto a farinha de amoreira teve melhor aproveitamento de lipídios (76,7%), ambos mantendo níveis adequados de energia e aminoácidos essenciais”, destacou Dias.

Segundo Dias, as duas plantas oferecem uma alternativa local e econômica para a formulação de rações, reduzindo a dependência da farinha de peixe e/ou do farelo de soja.

Além da avaliação nutricional, os pesquisadores testaram o efeito destas farinhas sobre a saúde dos peixes.

Pacus e tilápias alimentados com rações contendo 6% de amoreira e 32% de ora-pro-nóbis apresentaram melhor resposta imunológica e maior resistência à bactéria *Aeromonas hydrophila*, agente infeccioso responsável por grandes perdas na piscicultura mundial. Nos experimentos, a taxa de sobrevivência chegou a 100% nos pacus e 66,7% nas tilápias alimentadas com dietas vegetais.

“Os peixes também mostraram parâmetros sanguíneos mais equilibrados, redução de estresse e boa condição corporal, indicativos de saúde e nutrição adequada. A presença de compostos bioativos, como flavonóides e polifenóis, podem ter contribuído para os efeitos observados”, explica Márcia Ishikawa, pesquisadora da Embrapa Meio Ambiente, orientadora de Dias.

A segurança ambiental das farinhas testadas, foi avaliada em ensaios ecotoxicológicos com o microcrustáceo *Daphnia magna* e o peixe-zebra (*Danio rerio*). Os resultados mostraram baixa toxicidade (Concentração Efetiva Média - CE₅₀ superior a 500 mg/L), classificando os ingredientes como “praticamente não tóxicos”, segundo critérios da Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos (USEPA), ressalta o pesquisador Cláudio Jonsson membro da equipe técnica do trabalho.

Ricas em proteínas, aminoácidos e minerais, a amoreira — tradicionalmente usada na sericultura — e a ora-pro-nóbis — podem ser cultivadas em pequenas propriedades e aproveitadas como insumo local, reduzindo custos e fortalecendo a produção familiar, destaca o Prof. Fábio Meurer, co-orientador de Dias.

De acordo com os pesquisadores, a inclusão moderada das farinhas (6% de amoreira e 32% de ora-pro-nóbis) proporciona equilíbrio entre desempenho zootécnico, saúde animal e segurança ambiental.

“O uso desses ingredientes vegetais nas rações comerciais representa um avanço na busca por uma piscicultura mais competitiva, sustentável e menos dependente de insumos químicos”, acredita o pesquisador Julio Queiroz, membro da equipe.

Tese de Patrícia da Silva Dias apresentada ao Instituto de Biologia da Universidade Estadual de Campinas para a obtenção do Título de Doutora em Biologia Animal. Orientadora: Márcia Mayumi Ishikawa. Coorientador: Prof. Fábio Meurer. Também participaram da equipe os pesquisadores Julio Ferraz de Queiroz, Claudio Martín Jonsson e Marcos Losekann e o analista José Henrique Vallim.

AgroNotícias

Mauricio Picazo Galhardo



SEGURO RURAL

O ministro Carlos Fávaro, e Fernando Haddad, se reuniram para discutir aprimoramentos no Programa de Seguro Rural. O objetivo é modernizar o modelo atual, tornando-o mais acessível e efetivo para os produtores rurais. As apólices estão cada vez mais caras e com as mudanças climáticas, o seguro rural é uma ferramenta importante contra a inadimplência dos produtores e as mudanças climáticas são uma realidade que não dá para contestar. Nós estudamos muito durante um ano e viemos apresentar uma proposta para reconstruir o seguro rural no país", afirmou Fávaro após o encontro.

CRÉDITO RURAL SIMPLIFICADO
Com foco na inclusão produtiva e na sustentabilidade, a Comissão de Agricultura, Pecuária, Abastecimento e Desenvolvimento Rural (CAPADR) da Câmara dos Deputados aprovou, o Projeto de Lei, que cria o Programa Rural de Crédito Simplificado. A proposição estabelece diretrizes voltadas para a redução da burocracia nos processos de concessão, a aplicação de taxas de juros reduzidas e subsidiadas, a simplificação dos critérios de análise de crédito e a priorização do financiamento para investimentos em tecnologias sustentáveis ou a aquisição de insumos agroecológicos.

MELANCIA
No sul da Bahia, Teixeira de Freitas se destaca pela alta produtividade na cultura da melancia. Região combina clima favorável, produtores tecnificados e troca de experiências em eventos que fortalecem a cadeia produtiva. Em 2024, o Brasil produziu 1,978 milhão de toneladas de melancia, gerando receita de R\$ 2,425 bilhões, de acordo com dados consolidados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Deste montante, 231.934 toneladas têm como origem a Bahia, estado que cultiva 14.905 hectares com a fruta.

ALGODÃO
Desde que a Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa) começou a organizar o Congresso Brasileiro do Algodão (CBA), na sua 10ª edição em 2015, o encontro deixou de ser apenas um fórum setorial para se tornar o maior evento da cadeia do algodão na

América Latina em escala, conteúdo e relevância. Para produtores e profissionais da área, o CBA tornou-se central para atualização técnica, realização de negócios e fortalecimento das iniciativas que garantem valor agregado ao algodão brasileiro. É um fórum especialmente estratégico à medida que o país consolida sua posição nos mercados internacionais.

TRIGO
O avanço da colheita mantém os preços do trigo em queda na maioria das regiões acompanhadas pelo Cepea, sobretudo nas do Rio Grande do Sul. No Paraná, especificamente, o clima atrapalhou as atividades de campo, dando certo suporte aos valores na primeira semana de novembro. Segundo pesquisadores do Cepea, os valores pagos aos produtores de trigo estão bem abaixo do preço mínimo da política de garantia do governo, o que abre espaço para a intervenção federal, visando apoiar a comercialização e assegurar a remuneração mínima aos agricultores. O valor mínimo estipulado pela Conab é de R\$ 78,51/saca de 60 kg.

AGRO PAULISTA
Nos dez primeiros meses de 2025, o agronegócio paulista manteve um bom desempenho no comércio exterior, alcançando um superávit de US\$19,07 bilhões. O saldo positivo decorre de exportações que somaram US\$23,92 bilhões e de importações que totalizaram US\$4,85 bilhões. Os principais produtos exportados foram: O complexo sucroalcooleiro foi responsável por 30,8% do total exportado pelo agro paulista, totalizando US\$7,37 bilhões. Deste total, total o açúcar representou 92,7% e o álcool etílico, etanol, 7,3%.

SOLUÇÕES CLIMÁTICAS
Os dois primeiros dias da 30ª Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança Climática, em Belém, deixaram claro o papel central que o agronegócio brasileiro ocupa no debate climático global. Ao contrário da narrativa que muitas vezes circula fora do País, o Brasil está se provando com dados, tecnologias e práticas concretas que já demonstram a sua liderança no tema. (Com informações de assessorias)
Mauricio Picazo Galhardo é Jornalista

Exportação de frutas registra melhor outubro em dez anos com vendas de US\$ 177,5 milhões

As exportações de frutas brasileiras registraram em 2025 o melhor mês de outubro dos últimos dez anos, com valor de US\$ 177,5 milhões em vendas para o mercado externo, 4,6% acima dos US\$ 169,7 milhões comercializados no mesmo mês do ano passado, segundo dados do Comex Stat do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC). Na última década, apenas o mês de novembro do ano passado superou esse valor, com US\$ 217 milhões de faturamento na exportação do segmento, que inclui frutas e nozes (não oleaginosas) frescas ou secas.

Em outubro deste ano, foram embarcadas para o exterior 209,4 mil toneladas de frutas, que representaram 2,61% das exportações do setor agropecuário. Mesmo com os números tímidos, o segmento é o quinto no ranking de exportações agropecuárias do Brasil. Em termos de volume, o Brasil já alcançou de janeiro a outubro deste ano o total exportado em todo o ano passado, um milhão de toneladas de frutas, segundo as informações do Comex Stat.

Em valor, as exportações de frutas somaram US\$ 1 bilhão de janeiro a outubro deste ano, ante US\$ 1,2 bilhão faturado pelo setor em todo o ano passado. Em 2024, as frutas representaram 1,66% das exportações do setor agropecuário do Brasil, quinta posição no ranking.

"Mesmo com todas as crises enfrentadas este ano pelos fruticultores, o fôlego nas exportações foi mantido, mostrando que o campo brasileiro é resiliente e está preparado para enfrentar os desafios do mercado, e também do clima. A fruticultura é um dos pilares do agronegócio nacional tanto do ponto de vista interno quanto das exportações, contribuindo de forma expressiva para o PIB agropecuário", afirma o country director da Ascenza Brasil, Renato Francischelli.

Quatro estados do Nordeste responderam por 84,3% das frutas exportadas pelo Brasil em outubro deste ano, em valores, segundo o Comex Stat. Pernambuco liderou a lista e foi responsável por 31,6% dos valores exportados, somando US\$ 56,1 milhões. Bahia exportou US\$ 38,6 milhões (21,8%), seguido de Rio Grande do Norte, com US\$ 36,1 milhões (20,3%), e Ceará, que registrou US\$ 18,8 milhões (10,6%).

A Europa foi o principal destino das exportações de frutas nacionais, somando 66,4% do valor de exportação. A Holanda foi o destino internacional que mais gastou com a compra de frutas brasileiras em outubro, US\$ 71,7 milhões, 40,4% do total exportado, indica o Comex Stat. Em seguida vieram Reino Unido, com US\$ 31,2 milhões e 17,6% do valor exportado, e Espanha, com US\$ 14,9 milhões e 8,4% do valor.

Os Estados Unidos, que reduziram no fim da semana passada as tarifas de importação de frutas, entre outros 200 itens, de 50% para 40%, ficaram pouco acima da Espanha em outubro, compraram US\$ 15,5 milhões em frutas brasileiras, 8,7% do total de outubro. Na América do Sul, a Argentina foi o principal comprador, com US\$ 8,5 milhões, 4,8% do valor das exportações do segmento.

Mercado promissor

O country director da Ascenza comenta que boa parte das frutas exportadas pelo Brasil são de propriedades rurais familiares. Para ingressar nesse mercado, explica Francischelli, é preciso saber quais países importam e que regras devem ser seguidas. "Produzir com foco em exportação faz o produtor pensar

além apenas do mercado interno e isso pode garantir acesso a preços melhores, margens maiores e estabilidade", comenta.

Entre as exigências do mercado internacional de frutas estão aderir a boas práticas de produção e rastreabilidade e entregar frutas de boa qualidade. Essas boas práticas devem estar presentes em todos os processos, passando por cultivo, colheita, pós-colheita, embalagens e respeito às exigências fitossanitárias, como os limites de resíduos.

De acordo com o diretor da Ascenza, o produtor pode agrupar-se ou cooperar para ganhar escala e reduzir custos, já que a logística de exportação é um desafio para produtos perecíveis. Selecionar as culturas adequadas e diversificar ajudam a entender o mercado externo e reduzir eventuais riscos, aponta.

"Frutas destinadas à exportação precisam manter qualidade, frescor e aparência também depois da colheita, durante transporte e armazenamento", alega Francischelli. Ele indica planejar bem a produção e seguir um calendário adequado, que inclui evitar superprodução.

Proteção da lavoura

Para proteger a lavoura e prepará-la para exportação, o diretor da Ascenza orienta que seja feito um controle fitossanitário e de pragas que identifique os perigos para a cultura. Ele comenta que o produtor deve adotar monitoramento contínuo e práticas de manejo adequadas para garantir a otimização e a eficiência no uso de defensivos, e cumprir requisitos de exportação. "Na Ascenza, apoiamos o produtor em todo o processo, para cuidar das pessoas, das plantas e do planeta", afirma.

Qualidade do solo, necessidade de nutrição e irrigação também devem estar no projeto do produtor que pretende exportar as frutas, assim como proteção contra condições climáticas adversas. "O agricultor deve manter registro de aplicação de defensivos, usar apenas os permitidos para exportação e cumprir tolerância de resíduos conforme o destino externo", alega.

Segundo Francischelli, boas práticas e manejo adequado atendem exigências de importadores que valorizam origem das frutas e ética de produção, com menor impacto ambiental, que pode abrir mercados premium.

Sobre a Ascenza

Multinacional referência nas soluções pós-patente no setor de proteção de culturas, a Ascenza, do grupo Rovensa, atua na proteção de culturas desde 1965 com o objetivo de fornecer as melhores alternativas aos clientes, através de uma estreita relação com distribuidores, agricultores e técnicos, com a missão de ajudar a alimentar a população mundial crescente. A empresa está sempre desenvolvendo competências notáveis e inovando para apresentar as melhores soluções aos constantes desafios do mercado, com produtos de qualidade, personalizados para as diferentes lavouras. O nome Ascenza deriva da palavra latina ascendere, que significa ascender, crescer, subir, alinhado com nosso propósito de Cultivar o Futuro. Proximidade, simplicidade, agilidade e sustentabilidade são compromissos da empresa, que tem como pilares cuidar das plantas, das pessoas e do planeta. As soluções da empresa garantem uma dieta saudável e equilibrada à população mundial crescente, com respeito pelo planeta.

AGRO CARTOON

PICAZO



APRIMORAMENTOS NO PROGRAMA DE SEGURO RURAL É DISCUTIDO EM BRASÍLIA

NOV/25

FACEBOOK.COM/MAURICE.PICAZO

COM NOTA ACIMA DE 91, PRODUTOR DE BARRADO TURVO CONQUISTA O PRÊMIO DE MELHOR CAFÉ DO ESTADO DE SÃO PAULO



Cerimônia de premiação do '24º Concurso Estadual Qualidade do Café de São Paulo' foi realizada hoje (18), em Campinas

Os melhores cafés paulistas em 2025 são dos municípios de Barra do Turvo, Campinas, Brotas, Getulina e Itapira, que tiveram produtores campeões no '24º Concurso Estadual

Qualidade do Café de São Paulo". A cerimônia de premiação foi realizada nesta terça-feira (18) no Instituto Agrônomo de Campinas (IAC).

Promovido pela Diretoria de Assistência Técnica Integral (CATI), órgão vinculado à Secretaria de Agricultura e Abastecimento (SAA), o certame bateu recorde de participação neste ano, com cerca de 400 amostras recebidas de cafés arábica e canephora, de 77 municípios.

A nota mais alta, 91.10, foi recebida pelo cafeicultor barra-turvense Ozico Pereira, que concorreu na categoria cereja descascado. Acompanhado de sua esposa, Pedrina, ele recebeu o troféu de maior destaque na modalidade arábica das mãos do secretário de Agricultura e Abastecimento, Guilherme Piai.

"A gente sofreu muito para chegar até aqui, mas, agora, estamos colhendo os frutos. Ficamos muito felizes pela conquista desse prêmio", afirmou Pedrina, muito emocionada. Os demais vencedores da espécie arábica são o campineiro Tito Enrique da Silva Neto, que concorreu na

modalidade fermentado; o brotense Rodrigo de Oliveira (modalidade natural) e o itapirense Ricardo Maklouf Junior (modalidade orgânico). O getulinense Paulo Sonehara ganhou na espécie canephora.

Para o diretor da CATI, Ricardo Pereira, essa premiação reforça o compromisso do estado com a excelência produtiva e a tradição cafeeira. Além da instituição ligada à SAA, também participaram da organização do certame a Coordenação das Câmaras Setoriais, a Coordenadoria de Desenvolvimento dos Agronegócios (Codeagro) e a Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (Apta), por meio da Apta Regional, do Instituto Biológico (IB-Apta) e do IAC-Apta.

O concurso foi realizado com apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa Agrícola (Fundag), do Sindicato da Indústria de Café de Estado de São Paulo (Sindicafé-SP), da Associação Brasileira da Indústria de Café (Abic), da Syngenta, da Carmomaq, da Kaleido, da Bunn e da Cropster.

2º WORKSHOP DE TECNOLOGIA DE APLICAÇÃO LEVA INOVAÇÕES DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA PULVERIZAÇÃO PARA PRODUTORES RURAIS

Com foco em unir inovação e sustentabilidade no campo, a Rovensa Next realizou recentemente, em Luís Eduardo Magalhães (BA), o 2º Workshop de Tecnologia de Aplicação. O encontro reuniu mais de 120 produtores, consultores e profissionais ligados à pulverização agrícola para discutir o tema "Aplicação em tempos de Inteligência Artificial", mostrando como a automação e o uso de dados estão transformando a agricultura moderna.

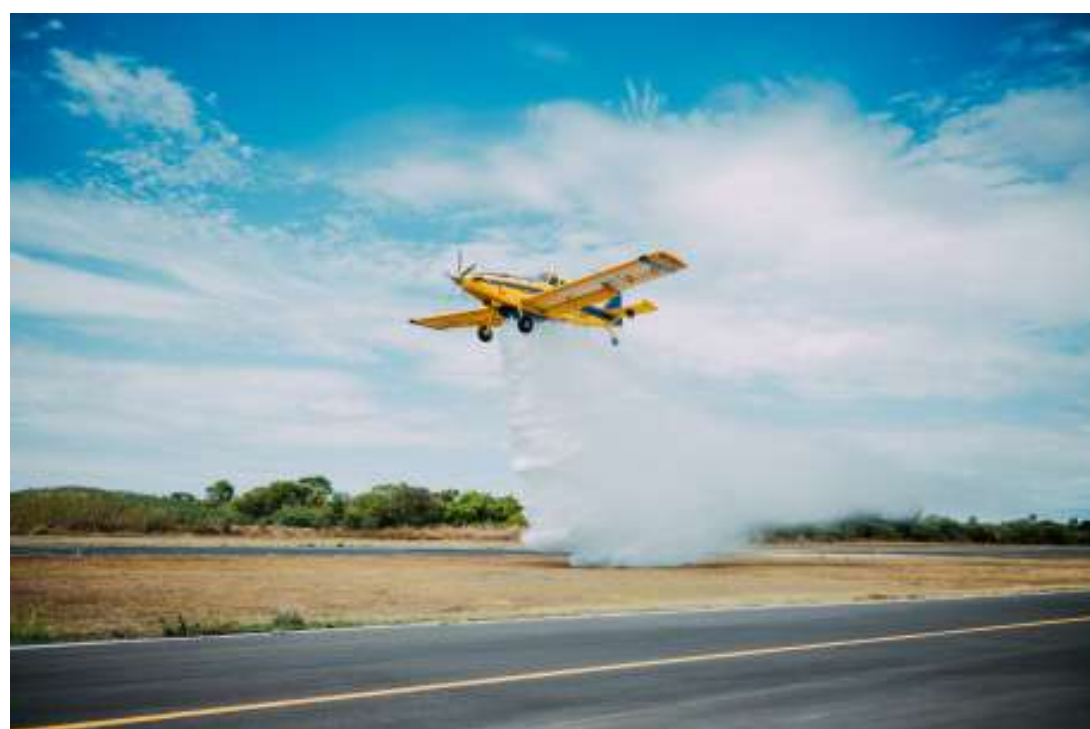
O evento foi um espaço de troca e colaboração, reunindo empresas, instituições e especialistas em diferentes áreas da tecnologia de aplicação. A iniciativa contou com o apoio da ABAPA (Associação Baiana dos Produtores de Algodão) e da AIBA (Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia), reforçando a importância do oeste baiano como polo estratégico do agronegócio.

"Estamos em um dos maiores polos do agronegócio brasileiro e, como a Rovensa Next é pioneira em biossoluções para a agricultura, percebemos a necessidade de trazer ao produtor e aos profissionais de campo as novidades em equipamentos e softwares de aplicação. Mais do que máquinas inteligentes, é essencial pensar também na qualidade e na tecnologia embarcada nos produtos utilizados nas caldas", destaca Bruna Ximenes, RTV da Rovensa Next no oeste da Bahia e anfitriã do evento.

Entre as inovações apresentadas, o público conheceu equipamentos de ponta e aeronaves tripuladas e não tripuladas, desenvolvidas para otimizar a pulverização e o manejo de defensivos e biossoluções. Um dos destaques foi o Moya eVTOL, apresentado por Guilherme Brechbuhler, da Moya Aero. "O Moya foi projetado para diferentes missões e pode ser adaptado a várias necessidades. Nosso foco é oferecer uma alternativa sustentável, com alto desempenho e baixo impacto ambiental", afirmou.

A Sinerjet Agro apresentou o Paica Pelycan 2, drone com capacidade para 300 litros e alcance de 18 metros, enquanto a Drone LEM demonstrou o T100, considerado o maior drone agrícola do oeste da Bahia. Outras soluções também chamaram atenção: o ecossistema inteligente da Embraer para otimização de insumos; a Travicar, com seu DGPS para conectividade à estação meteorológica móvel; o sistema da Mepel, que automatiza a mistura das caldas dentro do próprio tanque.

Destaques também para a Solinftec, que apresentou o Solix, primeiro robô autônomo criado para atuar na produção de alimentos em larga escala, enquanto a Synerjet Agro trouxe o conceito de aviação agrícola autônoma, apontando para o futuro da aplicação aérea, além Aeroterra, hoje dona de uma frota de aeronaves modernas para pulverização, semeadura e adubação.



Henrique Campos, consultor da Sabri, parceira técnica da Rovensa Next Brasil, foi quem coordenou as estações de tecnologia. "O Dr. Henrique tem sido um elo importante na difusão de novas práticas e tecnologias. Essa troca de conhecimento garante que o produtor brasileiro tenha acesso ao que há de mais moderno e sustentável", ressaltou.

Ao discutir o papel da inteligência artificial no agronegócio, Bruna ainda destacou o tripé da tecnologia de aplicação: equipamentos, softwares e produtos. "Não adianta termos equipamentos e softwares modernos se o produto que vai ao tanque não tem estabilidade e tecnologia avançada. As biossoluções Rovensa Next são desenvolvidas a partir de formulações naturais que garantem mistura

homogênea, aplicação segura e sem deriva. Assim, o resultado no campo é mais eficiente e sustentável", explicou.

O 2º Workshop de Tecnologia de Aplicação reforça o compromisso com o uso inteligente de recursos e o desenvolvimento de práticas agrícolas eficientes. "Queremos ampliar o alcance do workshop e envolver ainda mais parceiros nas próximas edições. Nosso propósito é contribuir para uma agricultura que una produtividade, tecnologia e responsabilidade ambiental", concluiu.

O evento também foi cenário para a gravação de um episódio do podcast Campo e Prosa, com Vicente Cornago, da Synerjet Agro, e Henrique Campos, da Sabri, ampliando o debate sobre tecnologia e inteligência artificial no campo.

CURSO SOBRE BIOINSUMOS REFORÇA AUTONOMIA DE AGRICULTORES FAMILIARES E INCENTIVA CRIAÇÃO DE GRUPO TEMÁTICO NA REDE LESTE PAULISTA DE AGROECOLOGIA



O Projeto Redefort — iniciativa voltada ao fortalecimento da transição agroecológica e de redes sociotécnicas no estado de São Paulo — promoveu, nos dias 13 e 14 de novembro, o curso Manejo do Solo Vivo na Embrapa Meio Ambiente. A capacitação buscou incentivar práticas sustentáveis de produção de alimentos, reforçar

a autonomia de agricultores familiares diante dos efeitos das mudanças climáticas e impulsionar a criação de um grupo temático sobre bioinsumos na Rede Leste Paulista de Agroecologia.

Ministrado pelo engenheiro agrônomo Oliver Naves Blanco, da Organização Juquira Candiru Satyagraha, o curso reuniu a

experiência do especialista em trabalhos com comunidades camponesas, quilomboas e indígenas no Brasil, na África e em países da América Latina. A formação foi organizada em parceria com o Setor de Campos Experimentais da Embrapa Meio Ambiente.

Um dos destaques foi a introdução à Cromatografia de Pfeiffer, técnica qualitativa de baixo custo que permite aos próprios agricultores avaliarem a saúde do solo em diferentes fases do cultivo. Considerada uma espécie de “fotografia” do solo, a análise ajuda nas decisões de manejo e na identificação de possíveis necessidades imediatas — chamadas no curso de “bombeiros agroecológicos”. Quando os cromatogramas indicam baixa atividade biológica ou deficiência nutricional, recomenda-se o uso de compostos, bokashi, biofertilizantes ou outras soluções emergenciais, como a aplicação de água de vidro.

Durante a oficina, os participantes prepararam diferentes bioinsumos utilizando exclusivamente materiais disponíveis

no local, como restos de poda, serrapilheira, carvão e pó de rocha. A prática reforçou a ideia central do encontro: estimular que agricultores familiares avancem rumo a sistemas mais autônomos, construindo gradualmente a saúde do solo para reduzir a dependência de insumos externos e de intervenções emergenciais.

A capacitação reuniu 36 participantes de perfis diversos, incluindo técnicos da Cati, representantes de secretarias municipais, agricultores familiares, assentados do Milton Santos, acampados do Marielle Vive, estudantes, bolsistas e pesquisadores da Embrapa Meio Ambiente.

A próxima edição do curso Manejo do Solo Vivo está marcada para os dias 5 e 6 de dezembro, no Assentamento Milton Santos, em Americana (SP). O novo encontro pretende aprofundar os conhecimentos, estimular a produção de bioinsumos com recursos locais e avançar na articulação de um grupo temático sobre o tema dentro da Rede Leste Paulista de Agroecologia.

HOTELARIA PAULISTA REGISTRA ESTABILIDADE EM OUTUBRO E REVELA TENDÊNCIA POSITIVA PARA GRANDES EVENTOS E FERIADOS PROLONGADOS

A Associação Brasileira da Indústria de Hotéis do Estado de São Paulo (ABIH-SP) divulga os resultados consolidados das sondagens referentes ao desempenho da hotelaria paulista em outubro de 2025, além das previsões atualizadas para o GP Brasil de Fórmula 1 e para o feriado da Consciência Negra.

Os três levantamentos revelam estabilidade no desempenho geral do setor, ao mesmo tempo em que apontam avanço consistente da demanda em regiões estratégicas e em datas de grande fluxo turístico.

Ocupação média em outubro em 2025 mantém estabilidade, apesar de leve retração em indicadores de receita

De acordo com a 64ª edição da pesquisa de desempenho, outubro registrou Taxa de Ocupação média de 58,61%, uma variação positiva de +0,41% em relação a setembro. Já a Diária Média recuou -2,53%, alcançando R\$ 467,16, o que impactou o RevPar, que apresentou queda de -2,13%, fechando o mês em R\$ 273,80.

Diária Média recuou -2,53%, RevPar, que apresentou queda de -2,13%, fechando o mês em R\$ 273,80.

Mesmo diante da ligeira

retração em receita, o estudo mostra estabilidade e resiliência da hotelaria paulista. Em comparação ao mesmo mês de 2024, o desempenho indica variações de -8,01% na ocupação, +6,51% na diária média e -2,01% no RevPar, evidenciando impacto mais forte sobre ganhos do que sobre fluxo de hóspedes.

O levantamento também destaca diferenças importantes entre regiões: enquanto destinos corporativos como a Capital Paulista e o Polo Corporativo apresentaram retração, litorais começaram a sinalizar recuperação gradual, impulsionada pela aproximação do verão.

Empregabilidade ainda abaixo do pré-pandemia, mas com tendência de recuperação

O índice de funcionários por UH apresentou leve queda em outubro (0,55), mas mantém trajetória de recomposição gradual, ainda 9,17% abaixo do patamar observado no início da série histórica. Segmentos de lazer devem impulsionar contratações temporárias com a chegada da alta estação.

Categorias e segmentações revelam contrastes importantes

Hotéis econômicos registra-

ram 61,41% de ocupação.

- O segmento midscale, 58,25%.

- No upscale, a ocupação foi de 36,04%, porém com diária média superior.

Previsão para o feriado da Consciência Negra mostra manutenção do índice de ocupação

A segunda sondagem de 2025 para o feriado da Consciência Negra (20/11) registrou expectativa média de ocupação de 67,29% para o estado. O índice é próximo ao resultado definitivo de 2024 (67,54%), indicando estabilidade na procura. Em algumas regiões, como o Noroeste Paulista e o Litoral Paulista, os números auferidos já superam os do ano anterior, demonstrando potencial de crescimento para o período.

Outras áreas ainda aguardam confirmação de dados finais, mas as projeções sugerem comportamento heterogêneo entre destinos de lazer e regiões de perfil corporativo.

Fórmula 1 impulsiona forte alta na demanda hoteleira para novembro

A repetição da sondagem do GP Brasil de Fórmula 1, realizada em outubro, mostrou avanço significativo na expectativa de

ocupação para o período de 6 a 9 de novembro. A previsão atualizada aponta 96,91% de ocupação, crescimento de +8,97 pontos percentuais em relação ao resultado de 2024.

O desempenho reforça o impacto direto do evento na hotelaria da Grande São Paulo e de municípios do entorno, além de confirmar o GP como um dos maiores impulsionadores de demanda turística do calendário paulista.

ABIH-SP reforça importância da participação dos hotéis

A entidade destaca que a qualidade estatística das sondagens depende diretamente do engajamento dos hoteleiros. Em outubro, 14 das 15 MRTs responderam ao levantamento, garantindo representatividade robusta para análise do setor.

A ABIH-SP reafirma seu compromisso em oferecer dados precisos e auxiliares ao planejamento estratégico das empresas, fortalecendo a competitividade do turismo paulista e sua capacidade de geração de emprego e renda.

Confirma a íntegra dos relatórios. Assine gratuitamente o Portal do Hoteleiro – plataforma de capacitação e atualização profissional da ABIH-SP.